

FILOSOFIA E FORMAÇÃO HUMANA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Algumas questões têm preocupado os educadores, os pesquisadores e demais envolvidos com a educação básica e que se interessam pelo estabelecimento de condições que propiciem um ensino mais vivo, vibrante e significativo da filosofia. O que estaria colocado, nesta etapa formativa, seria a oportunidade de se oferecer um conhecimento crítico dos meandros da política, da economia, da tecnologia, das artes que constituem e povoam a cultura na qual estamos imersos.

Nesse aspecto, o ensino de filosofia pressupõe, entre outras inúmeras possibilidades propositivas, que seja concebido como uma tarefa de engajamento e compreensão de que a sua construção é conjunta, permanentemente articulada e inseparável, entre os que aprendem e os que ensinam, de modo que essas possibilidades se tornem frutíferas, consistentes e historicamente significativas, na medida em que essa comunhão se realiza.

Reconhecemos que pensar a filosofia e a formação humana num momento em que o mercado reivindica a sua supremacia e o individualismo cibernético, desenraizado de história, proclama o absenteísmo político e social, é um grande desafio e uma ousadia para todos aqueles que não querem ver a erosão da escola, nem permitir a sua transformação num reles bem mercantil. Exatamente por isso é decisivo que tenhamos arrojo intelectual no diálogo com os jovens que frequentam a escola, que possamos contribuir para que essa experiência tenha sentido em sua existência, nesse mundo cada vez mais caótico do abastamento midiático e do imediatismo, desprovido de quaisquer distanciamentos críticos, fadado às superficialidades e à fragmentação do conhecimento.

O verdadeiro problema não está em como combater a ilusão de que todos os conhecimentos estão disponíveis na rede mundial de computadores, em fazer a denúncia do fetiche que se apossou das engenhocas eletrônicas que permitem acessá-la instantaneamente, mas na ausência de fundamentos e referências culturais que possam estimular o juízo crítico e interpretativo dessa abundância invejável de informações.

A filosofia é um jeito de pensar com o intuito confesso de estabelecer a melhor compreensão possível do que somos e de como estamos inseridos e fazemos parte do mundo, enfim, de qual é o sentido que atribuímos ao nosso existir. Remetê-la para o universo do ensino e da aprendizagem escolarizada não é uma das tarefas mais fáceis e consensuais de se colocar na ordem do dia!

No bojo dessas preocupações, os artigos deste dossiê temático, versando sobre filosofia e formação humana na educação básica, trazem falas de autores envolvidos com o ensino de filosofia que levantam problemas relativos ao mesmo e apresentam resultados de suas reflexões com algumas indicações importantes relativas ao papel formativo deste ensino.

Terezinha Rios, em *A pergunta filosófica como componente essencial da formação e da prática de professores*, aponta para uma atitude fundamental que precisa ser desenvolvida em todas as pessoas, e para a qual a formação filosófica traz importante contribuição: a atitude do perguntar antes de tomar como certas as respostas que nos damos, de maneira apresada, aos desafios da vida e às respostas que “nos dão” e que assumimos, muitas vezes, sem as questionar. Diz ela que “no contexto contemporâneo, anda-se cada vez mais em busca de respostas imediatas aos desafios que se enfrentam no campo da educação”. Ora, neste campo, todo cuidado é pouco em relação às “respostas da moda” e o professor bem formado deve ter presente, nessa sua boa formação, esta contribuição da filosofia.

Se os professores necessitam da contribuição formativa da filosofia, os alunos o necessitam também e, nas escolas, os professores de filosofia têm um papel destacado – não único – nesta formação. Nesse aspecto, Flávio Carvalho, em seu escrito *Cartografias e a formação de professores: o papel filosófico-pedagógico dos professores de filosofia*, pergunta-se por este papel. Pergunta-se pelo “professor de filosofia e suas várias atribuições, funções e discursividades, com suas múltiplas relações constituídas e vivenciadas seja com a instituição de ensino seja com os estudantes, ou ainda, com a comunidade escolar, com o saber filosófico, com a vida política”. Daí a ideia de busca dos espaços ou “territórios” nos quais a ação deste professor pode se inserir e influir, e como. “Para além do plano de curso e do livro didático, precisamos compreender as *territorializações* que envolvem o ensino de Filosofia no ambiente escolar”. Daí o título do texto já a indicar uma forte influência, neste artigo, do pensamento de Deleuze.

No texto de Dalton Alves, *Metodologia da filosofia e do ensino de filosofia: tensões e confluências*, o foco é mais específico em torno do fazer filosofia e do ensinar a fazer filosofia, como ele diz, ao mencionar os dois momentos do artigo: “No primeiro tratamos do como a filosofia produz seus conceitos e visão de mundo, no segundo abordamos como aprendemos e ensinamos a produção deste tipo de conceito e visão de mundo”. Pois que o saber filosofar é “uma das dimensões da forma de compreender o homem e o mundo”, compreensão esta necessária na formação de todo ser humano, que deve ser iniciada o mais cedo possível. O texto aponta para tensões importantes de serem conhecidas e analisadas a respeito do como – metodologia – oferecer os caminhos desta compreensão aos jovens no ensino médio.

Jair Miranda de Paiva, em *Filosofia e criação na escola: entre estrato e linha de fuga*, afirma que o texto que apresenta “tem por objetivo pensar a potência da escola como estrato que, apesar de se constituir num dos micropoderes que, pela disciplina, sanção e exame, conforma corpos e subjetividades, pode, todavia, tornar-se condição de outra escola como usina de ideias, como ateliê de experimentações”. Seria isso possível? Seria desejável? Por que não ensaiar experiências de pensamento, diversas das já consagradas, com crianças e jovens, buscando uma escola como, também, lugar da invenção? Estas perguntas já indicam a influência das, ou o trabalho com as ideias de Deleuze e Guattari, ideias que são trazidas, também, para a busca de respostas a elas. Uma nova maneira de ver o papel formativo da escola a partir de contribuições de ideias filosóficas de hoje?

Sapientes de que no campo dos saberes da formação humana não é de hoje que a presença da filosofia nos currículos escolares no Brasil constitui objeto de problematização, temos os manuscritos *Da tradição filosófico-pedagógica aos caminhos da prática filosófica no ensino médio como experiência do pensar*, redigidos pela professora Conceição G. Nóbrega Lima de Salles, com a preocupação de analisar a prática da filosofia no ensino médio, interrogando-se como a filosofia “vem sendo experienciada” nas etapas derradeiras do ensino médio, trazendo à tona questões do significado do “pensar” nesse importante e decisivo momento da escolarização da juventude.

Vale conferir. E, nesta conferência, esperam os editores que estes textos tragam contribuições para os debates a respeito do ensino de filo-

sofia nas escolas, visto como uma necessidade formativa juntamente com outras contribuições. Por fim, queremos registrar que a realização desse dossiê temático preocupado em discutir filosofia e formação humana na educação básica, como também aquele que o antecedeu refletindo sobre o papel formativo da filosofia, somente se tornou possível graças à inestimável colaboração do colega Marcos Lorieri, professor titular do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Nove de Julho (UNINOVE) e membro da Sociedade de Filosofia da Educação de Língua Portuguesa (SOFELP), a quem queremos hipotecar os nossos sinceros agradecimentos.

Eccos – Revista Científica também apresenta a publicação, no presente volume, dos seguintes artigos que nos foram enviados espontaneamente pelos seus autores, são eles: *Cursos online de especialização na estrutura da pós-graduação no Brasil*, de Marcelo Pupim Gozzi e Vani Moreira Kenski; *A construção da cultura inclusiva na escola regular: uma ação articulada pela equipe gestora*, de autoria das professoras Susana Pimentel e Lucinéia Nascimento; *Um estudo sobre currículo na educação infantil na produção científica da Anped nos últimos dez anos*, das pesquisadoras Andreza Maria Lima, Maria Jaqueline Paes Carvalho e Luciana Oliveira Freitas Monteiro; *As ideias e a análise de políticas públicas de educação para a população do campo: um olhar a partir da abordagem cognitiva*, de Damiana de Matos Costa França e Nalú Farenzena; *A educação segundo a perspectiva de Montaigne no âmbito do renascimento*, do articulista Gustavo Araújo Batista e os manuscritos *Plano Nacional de Educação e qualidade de ensino: considerações sobre a autoeficácia dos agentes escolares*, dos pesquisadores Miguel Henrique Russo e Roberta Gurgel Azzi.

A todos, boa leitura!

Antonio Joaquim Severino

Carlos Bauer